

PEDRO

e o portal



Escarlate

Glauçia Lewicki



Dedicatória

Aos meus pais, que teceram memórias maravilhosas para mim e me ensinaram, desde cedo, com suas recordações e sessões de fotos antigas, que eu tenho uma história. E aos professores, pesquisadores, museólogos, arqueólogos, restauradores, bibliotecários, escritores, pintores, poetas, compositores, contadores de histórias e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, fazem viva — e consciente — a memória do Brasil.

Copyright do texto © Glauca Lewicki, 2019.

Copyright da ilustração © Valentina Fraiz, 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra, protegida por copyright, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum meio, seja eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia e gravação, ou por qualquer outro sistema de informação, sem prévia autorização por escrito da editora.

Projeto gráfico e diagramação: Dorotéia Design

Ilustração: Valentina Fraiz (Anêmona Estúdio)

Revisão: Barbara Benevides, Fátima Couto e Arnaldo Arruda

1ª edição em janeiro de 2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L651p

Lewicki, Glauca
Pedro e o portal / Glauca Lewicki ; ilustração Valentina Fraiz. - 1. ed. - São Paulo : Escarlate, 2020.

ISBN 978-85-8382-092-5

1. Brasil - História - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Fraiz, Valentina. II. Título.

20-62888

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

11/02/2020

17/02/2020

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos reservados para todo o território nacional pela
SDS Editora de Livros Ltda.

Rua Mourato Coelho, 1215 (Fundos) — Vila Madalena — CEP: 05417-012

São Paulo — SP — Brasil — Tel.: (11) 3032-7603

www.brinquebook.com.br/escarlate — edescarlate@edescarlate.com.br

PEDRO

e o portal

Glaucia Lewicki

Ilustração: Valentina Fraiz

1ª edição

Escarlate

Sumário

- 1 – O misterioso buraco de luz e névoa **7**
- 2 – Contratemplos de uma viagem no tempo **12**
- 3 – O ousado, o parvo e o astuto **15**
- 4 – Um desejo de aniversário **19**
- 5 – Entre múmias e lagartos **22**
- 6 – Boas resoluções e uma péssima notícia **26**
- 7 – Vinte milhões de pedaços
(e um imperador) perdidos **29**
- 8 – Minha casa, minhas regras! **34**
- 9 – Meninos **39**
- 10 – Oi?! **44**
- 11 – O primo português **50**
- 12 – O efeito Marty McFly **55**
- 13 – Deus salve o rei! **61**
- 14 – Menino do Rio **66**
- 15 – Independência ou morte! **72**

16 – O império contra-ataca **81**

17 – Atividades suspeitas **88**

18 – O rapto do menino dourado **94**

19 – No tempo da coragem **99**

20 – O movimento do Ipiranga **104**

21 – No Palácio de Verão **111**

22 – O jardineiro fiel **118**

23 – Sua Majestade, o rei Henrique Afonso I **123**

24 – Uma incrível nação **129**

25 – A roupa nova do rei **134**

26 – A placa que não estava em seu lugar **141**

27 – Chegadas e partidas **146**

28 – E o resto é história... **150**

Epílogo **155**



O misterioso buraco de luz e névoa

Domingo, supostamente 2 de setembro de 1822

— ... sete, oito, nove, dez...

O som da voz do irmão mais velho estava ficando cada vez mais distante para Miguel. O menino se afastava depressa, buscando um lugar para se esconder. Não que fosse difícil. Moravam em uma casa enorme. Não era tão grande como suas outras casas, mas era bem grande. O melhor que conseguiram encontrar naquela cidade do outro lado do Atlântico.

Sua mãe detestava o novo lar. Mas isso não era novidade. Ela detestava o país inteiro: cada grão de areia das praias, cada folha das bananeiras dos quintais, cada tijolo das casas — a maior parte delas branca como a neve que jamais caía ali.

Seu pai achava que havia sido uma grande ideia se mudar, às pressas, para aquele lugar quente e estranho, repleto de animais bizarros e plantas exóticas. Mas a verdade é que Miguel não sabia se o pai gostava mesmo dali.

Sua avó... Bem, era difícil saber se sua avó tinha ideia de onde realmente estava.

Já seu irmão adorava tudo: o sol quente e brilhante, o céu quase sempre azul, os tons de verde variados das árvores. Gostava também das pessoas alegres e da música vibrante. Ah, como o irmão gostava de música! Miguel era mais quieto e preferia o silêncio. Quanto às irmãs... Quem se importava com o que as meninas pensavam?

A contagem feita pelo irmão já não podia ser ouvida quando Miguel entrou em uma das salas. Por um instante, seus olhos buscaram um esconderijo. Escolheu a cortina de veludo. E atrás dela ficou, com a respiração quase suspensa.

Poucos minutos depois, o tédio tomou conta do menino. Embora o combinado da brincadeira fosse usar apenas o segundo andar da casa, ainda assim levaria tempo para ser encontrado. Um barulho diferente, porém, cortou a monotonia.

Com muito cuidado, Miguel espiou pela fresta da cortina. Havia agora um buraco no chão da sala, cheio de luz e névoa, emitindo um som que parecia vir das entranhas da Terra. Quase o mesmo som que seu estômago fazia quando queria comida.

De repente, três homens saíram de dentro do buraco, como se estivessem emergindo de um lago. Miguel não sabia o nome das roupas que usavam — macacões —, mas lhe pareciam estranhas.

Mal saiu do meio da névoa, um deles começou a tirar a roupa esquisita. Por baixo dela, usava algo semelhante ao de qualquer homem bem-nascido do tempo do garoto: calções, camisa branca, colete e casaca de veludo.

O cavalheiro, como o menino apelidou-o em sua cabeça, era meio louro, de olhos claros. Os outros dois homens eram diferentes dele. Tinham cabelos e olhos escuros, por trás de óculos de aros redondos idênticos.

— Deu certo! — comemorou um dos homens de macacão. — Estamos no Palácio de São Cristóvão! Agora é seguir com o plano. Tem tudo o que precisa para ficar, Sebastião?

O cavalheiro louro apalpou os bolsos da casaca.

— Dinheiro... A carta falsa... Sim, tudo o que eu podia trazer comigo está aqui.

— Tenho que admitir: é mesmo um plano impressionante.

— Sim, meu caro Fernando: nada de correr para São Paulo e tentar impedir o Grito do Ipiranga. A Independência do Brasil foi assinada aqui, entre as paredes desse palácio, pela futura impera-

triz Leopoldina. E será aqui que começaremos a resgatar a glória do grande império ultramarino português.

Feito o discurso, o cavaleiro ergueu a manga da camisa e consultou as horas.

— Bem, é hora de agir — disse ele, retirando o relógio do pulso e entregando-o ao outro homem. — Fique com isso, Álvaro. Nessa época, os homens só usavam relógios de bolso.

Álvaro guardou o relógio de pulso no bolso, como se fosse uma joia preciosa, e perguntou:

— Você vai mesmo conseguir viver no século XIX, Sebastião?

— Serão apenas alguns dias. O suficiente para manipular os acontecimentos e impedir que a verdadeira carta de Leopoldina chegue ao seu destino. Vejo vocês neste mesmo local, na manhã seguinte do dia 7 de setembro. Se tudo der certo, esse dia passará a ser como outro qualquer na história do Brasil.

Os outros dois confirmaram o compromisso com um movimento de cabeça. Eles estariam ali, sem falta, na data marcada, para resgatá-lo.

O cavaleiro louro checkou sua aparência em um espelho e dirigiu-se à porta. Antes de deixar a sala, porém, voltou-se para as figuras idênticas e declarou solene:

— Um pequeno passo para o homem, um grande salto para a glória de Portugal. Adeus, amigos. Obrigado por me acompanharem até aqui. Pela glória lusitana, amigos!

— Pela glória! — repetiram os outros dois.

A porta se fechou atrás de Sebastião.

No chão, a névoa se revolvia pelo buraco como uma serpente que devorasse a própria cauda.

Os homens de aparência igual examinaram os arredores, por alguns minutos, curiosos. Atrás da cortina, Miguel mal respirava.

— Você acha que o Sebastião vai conseguir mudar a história do Brasil? — indagou Álvaro, contemplando o assoalho enevado.

— Um passo de cada vez. Por enquanto, tudo que ele tem de fazer é trocar a carta que Leopoldina envia a dom Pedro. Mas, falan-

do em passos, é bom caminharmos de volta ao nosso tempo. Pelos meus cálculos, o portal se fechará em...

Um espirro cortou o que ele dizia.

— Saúde, Álvaro.

— Não fui eu. Foi ele — esclareceu o companheiro, apontando para um menino parcialmente escondido atrás de uma cortina.

Limpando a garganta, surpreso, Fernando tentou estabelecer contato:

— Eu... Ahn... Olá! Você deve ser um dos filhos de Leopoldina, certo?

Miguel sacudiu a cabeça, negando, de olhos arregalados.

— Leopoldina não tinha filhos dessa idade em 1822 — lembrou Álvaro.

— É verdade! Mas você sabe quem é Leopoldina, certo, garoto?

Miguel fez que não, de novo, mais ressabiado do que antes.

— Ele deve estar assustado — justificou Fernando. — É claro que ele sabe quem é Leopoldina. Hoje é dia 2 de setembro, não é?

Miguel fez que sim, ainda mudo. Os homens sorriram. Que alívio! Mas o sorriso logo desapareceu de suas faces quando o menino falou pela primeira vez com eles:

— Hoje é dia 2 de setembro do ano da graça de 1810.

Os visitantes misteriosos, chocados, deram um passo para trás.

— 1810?!

— Como pode ser isso?!

Miguel deu de ombros. Como podia ser isso? Ora, apenas era. Não conseguia compreender por que os dois estranhos achavam que deveriam estar em 1822. E, muito menos, por que desejavam encontrar essa tal de Leopoldina.

— Precisamos voltar para 2018, Álvaro! — decidiu Fernando.

— E Sebastião? Temos que lhe avisar que erramos...

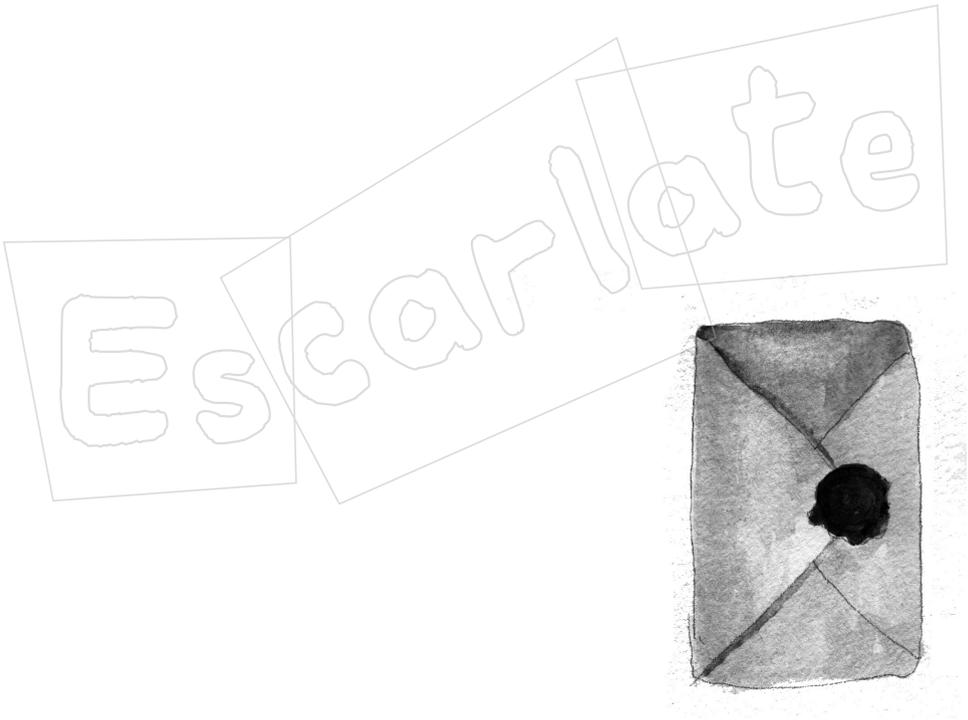
— Sebastião já deve estar longe daqui! Não temos tempo de procurá-lo e avisar do engano, ou ficaremos todos presos em 1810!

— Tem razão! Vamos voltar e reprogramar a máquina para tentar encontrá-lo.

Para estupefação de Miguel, os homens saltaram para dentro da abertura no chão de onde haviam saído mais cedo.

Por alguns instantes, o menino ficou paralisado, vendo a névoa serpentear pelo assoalho, mudando de cor. Os sons que pareciam vir do interior da Terra ainda soavam, como se o buraco fosse algo vivo. Então, despertando do seu estupor, saiu correndo. Precisava mostrar aquilo ao irmão mais velho.

Pedro sabia o que fazer. Ele sempre sabia.



Contratempos de uma viagem no tempo

Domingo, 2 de setembro de 2018

Naquele final de tarde, havia um círculo repleto de névoa emitindo sons estranhos e luzes coloridas no chão do Museu Nacional — o mesmo palácio onde o menino Miguel havia morado com sua família havia mais de duzentos anos.

Dois homens magros, trajando macacões e óculos de aros redondos, aguardavam pela volta de dois companheiros que atravessaram o Portal do Tempo. Um deles ficaria por alguns dias no passado. Por isso ninguém estranhou quando apenas duas cabeças e dois pares de braços surgiram em meio à fumaça.

— Correu tudo bem? — perguntou um dos homens que ficaram no museu.

— Cometemos um engano terrível, Alberto! — anunciou Álvaro, ficando de pé.

— *Ricardo* cometeu um engano! — corrigiu Fernando, soltando raios pelos olhos na direção do quarto integrante do grupo.

Ricardo brincava de iluminar as paredes, refestelado no trono que havia pertencido a dom Pedro II. Ao ouvir a acusação do companheiro, largou a lanterna, que rolou acesa pelo chão, e cruzou os braços, emburrado.

— Eu?! Programei tudo certo. Por acaso não era dia 2 de setembro?

— Sim, era!

— Então qual foi o engano? Vocês chegaram tarde demais?

— Cedo demais! — corrigiu Álvaro. — Fomos parar em 1810!

— E Sebastião? — exclamou Alberto. — Onde está Sebastião?
— Ficou no passado. Quando descobrimos que estávamos no ano errado, ele já estava longe.

— Precisamos reprogramar a máquina — declarou Fernando, de forma ríspida. — E trazer Sebastião de volta. Não podemos deixá-lo preso em 1810!

Todos os olhares se voltaram para uma pequena caixa preta no chão. Era ela que projetava o buraco enevoado no assoalho, como um pequeno canhão de luz. Antes, porém, que qualquer um deles se aproximasse dela, ouviram uma batida seca na porta.

Alberto fez sinal para que os outros se calassem e entreabriu a porta.

— Pois não?

Era um dos guardas do Museu Nacional.

— Vocês já ficaram muito tempo aí. Não chegaram nem à sala do Egito!

— Tivemos que consertar um defeito no desumidificador daqui. Estamos quase acabando.

— Infelizmente, a partir deste horário, todos têm que desocupar o museu.

— Mas...

— Terminem amanhã. Vocês terão de voltar de qualquer jeito, por causa das múmias, não é mesmo? Agora, desocupem a sala, por favor.

Alberto raciocinou. Não adiantava pedir um pouco mais de tempo. Levaria mais do que cinco minutos para resolver o problema que tinham nas mãos. E qualquer minuto a mais que ficassem despertaria a desconfiança do segurança.

— Claro... Vamos juntar o material e sair.

— Estou aguardando aqui fora. Dois minutos.

Alberto se aproximou dos companheiros e explicou, em voz baixa:

— Temos que ir embora.

— Ficou louco? — reagiu Fernando. — E Sebastião? E o plano?

— Tentaremos resgatar Sebastião amanhã. Quanto ao plano, não sei o que vai acontecer. Só sei que, no momento, não podemos mais ficar aqui.

— E o portal? Não podemos mexer nele enquanto a passagem ainda está aberta.

— Temos que deixá-lo aqui.

— O quê? Não podemos deixá-lo para trás!

— Nada vai acontecer. A passagem logo vai se fechar. Mesmo que os guardas encontrem a máquina, eles vão pensar que ela faz parte do nosso equipamento.

— Havia um menino do outro lado — lembrou Álvaro. — dom Pedro, eu acho... E se ele resolver pular para o lado de cá?

— O garoto me parecia muito novo para ser Pedro — disse Fernando. — Acho que era seu irmão.

— Ah! Se ele era mesmo Miguel, podemos ficar tranquilos — comentou Ricardo. — Dizem que era um parvo. Não se aventuraria a investigar o buraco misterioso no chão.

— Parvo?

— Não esqueceu o português da pátria gloriosa a ponto de não se lembrar mais do significado de “parvo”, não é mesmo?

— Vamos deixar vocês de parvoíces! — ralhou Alberto. — Escutem aqui: o portal vai se fechar daqui a alguns minutos. Nada pode dar tão errado em tão pouco tempo, não é mesmo? Agora é melhor sairmos daqui antes que o guarda resolva nos tirar da sala à força.

Os quatro homens idênticos — tão iguais que pareciam ser uma só pessoa — saíram do museu pretendendo voltar quanto antes para recuperar a preciosa máquina deixada para trás.

O ousado, o parvo e o astuto

Domingo, 2 de setembro de 1810

Quando Pedro viu o irmão menor procurando por ele, logo compreendeu que algo muito grave havia acontecido. Miguel estava pálido.

— O que houve contigo, mano Miguel?

— Invasores... Invasores no palácio!

— Vais me dizer que os homens de Napoleão nos seguiram até aqui!

— Não... Napoleão, não... Os homens do buraco de névoa! Três... Um deles era Sebastião... Vestia casaca. Os outros estavam trajados de forma estranha. Falavam de Leopoldina...

— Tens febre? Não estás a dizer coisa com coisa!

A resposta dele foi puxar Pedro pela mão. O garoto maior pensou em caçoar do pequeno, mas desistiu. Miguel estava assustado. Talvez estivesse mesmo febril, pois tinha a mão gelada. Somente quando chegaram ao destino é que Pedro se deu conta de que o irmão não estava delirando: havia de fato um buraco enevoadado no assoalho, emitindo luzes coloridas e sons estranhos, como um caldeirão de bruxa.

Sem hesitar, o herdeiro do trono se aproximou. Seu pai dizia que, às vezes, o filho mais velho era impetuoso demais para o seu próprio bem. Já sua mãe dizia... Bem, a mãe não dizia nada para Pedro. Dizia para Miguel: “Cuidado. Não se aproxime. Não toque. Não se machuque”. Não era de admirar que o irmão menor fosse considerado um parvo.

Honrando sua fama de ousado e corajoso, Pedro agachou-se à beira do buraco e retirou uma espada de madeira da bainha que trazia à cintura, usada em uma brincadeira de batalha pouco antes.